

DE COMÉRCIO E DE encontros

Minervino Junior/CB/D.A Press



HÁ 30 ANOS, FÁTIMA VENDE LIVROS NO SCS, ONDE CONHECEU O MARIDO. É DE LÁ QUE ELA TIRA O SUSTENTO DA FAMÍLIA

ENTRE BANCOS, ESCRITÓRIOS, RESTAURANTES E AMBULANTES, ATÉ 400 MIL PESSOAS CRUZAM DIARIAMENTE AS RUAS DA ZONA CENTRAL DA CIDADE

CRISTINA ÁVILA
ESPECIAL PARA O CORREIO

Minutos antes de os bancos abrirem, às 11h, até por volta das 14h, uma multidão ocupa o Setor Comercial Sul (SCS). É a hora do pique, de segunda a sexta-feira. Entre 100 mil e até 400 mil pessoas cruzam as galerias de prédios antigos que se aglomeram em apenas seis quadras no coração de Brasília. Um mundo em que os trabalhadores enfrentam o corre-corre pesado, mas onde também descobrem a descontração nos espaços públicos, especialmente nos intervalos da folga do almoço.

O Setor Comercial Sul é um lugar atípico na capital do país. Nada tem do glamour arquitetônico dos palácios vizinhos, e também não tem a valorização imobiliária que seria natural, devido à localização próxima ao centro do poder. Com problemas de estacionamento, ruas congestionadas pelo trânsito de automóveis e calçadas malcuidadas, o SCS traz desconforto aos transeuntes, que trabalham, buscam serviços e, em alguns casos, até mesmo moram em seus 65 condomínios — onde funcionam quase 3 mil empresas, em 3.300 salas comerciais, cerca de 40 restaurantes, mais de uma dezena de bares e outra dezena de lanchonetes.

Apesar de feio, o Setor Comercial Sul tem calor humano. E o seu cotidiano é recheado de momentos alegres, vividos por pessoas interessantes. A Praça do Povo é um dos pontos preferidos para relaxar. Todos os dias, é ocupada por diversos grupinhos que curtem um bate-papo enquanto aguardam a hora de voltar à jornada de trabalho. “Algumas pessoas até compram marmita nos restaurantes e vêm comer aqui na praça. O lugar não está muito adequado, poderia ser arumado, mas, ainda assim, é o melhor lugar, e a gente gosta de se encontrar aqui”, conta Elizabeth Mendes.

Funcionária de uma empresa de telemarketing, todos os dias ela se reúne na praça com os colegas. “Fico quase duas horas aqui. Hoje, estava lendo um livro, o pessoal chegou e eu larguei a leitura para conversar”, diz Elizabeth. “Aqui tem amizade e tem namoro”, brinca Wenney de Carvalho. “A gente gosta porque é um lugar ventilado, perto do trabalho. Ajuda a tirar um pouco o estresse do dia a dia”, explica. “Sempre temos uma história nova para contar”, completa Ilma Belém.

Ao meio-dia, os restaurantes também estão cheios de turmas entrando e saindo. As pessoas costumam almoçar com os colegas de trabalho, levando para o Setor Comercial Sul um pouco do aconchego que teriam em casa com a família. Depois, com mais uns minutos até o retorno para as empresas, os colegas aproveitam para pagar alguma conta nas agências bancárias que se localizam por ali, e passeiavam observando as múltiplas opções de produtos oferecidos pelos camelôs. Os ambulantes, por alguns momentos, enchem as galerias e, em seguida, somem todos, deixando o grande vão livre, enquanto correm e se escondem da fiscalização do GDF. Ficam apenas os que têm negócios regularizados, como os

sapateiros, que trabalham em 20 cadeiras instaladas no SCS. A permanência deles, entretanto, nem sempre significa tranquilidade, como revela seu Chiquinho, que tem 74 anos e há cerca de 40 ganha ali o pão de cada dia. “A coisa não tá boa, não. Hoje, a maioria usa tênis”, reclama.

Entre as alternativas do pequeno comércio de rua do Setor Comercial Sul está o sebo da livreira Fátima Pestana. Há 30 anos, ela resolveu ocupar alguns metros quadrados da urbanidade desse nicho brasiliense. E se tornou uma opção para quem gosta de ler e aproveitar bem o momento de folga no trabalho. Cliente dela, Renato Henrique é funcionário de um escritório vizinho e conta que descobriu a banca num desses passeios ao meio-dia. “Já comprei tanto que agora eles me dão desconto”, conta.

Fátima Pestana montou o negócio quando tinha apenas 17 anos. Ela gostava tanto de ler que já tinha 5 mil volumes, que não cabiam mais em casa. Resolveu, então, colocar o que podia embaixo do braço, pegou um ônibus no Novo Gama para a Rodoviária do Plano Piloto e veio estender uma toalha ali no chão mesmo da galeria. Assim, começou uma longa história de vida. E logo conheceu o marido, que trabalhava na W3 Sul e passava para ver as obras disponíveis. Ambos tinham muito em comum: ele também gostava de ler e de juntar livros. Os dois uniram as bibliotecas, se casaram e tiveram três filhos. As crianças foram criadas lendo gibi embaixo da banca que então foi criada e se tornou um negócio formalizado. Os filhos hoje são adultos e leitores assíduos — claro.

FICHA TÉCNICA

QUEM VAI

Trabalhadores, vendedores ambulantes

QUANDO VAI

Diariamente

HÁ QUANTO TEMPO

Os primeiros prédios foram ocupados nos anos 1970

DOMINÓ

Passar a hora do almoço embaixo de uma árvore também pode ser excelente programa nos dias quentes de Brasília. Ainda mais se for para jogar damas e fazer amigos. Porém, é um programa de cavaleiros. Somente homens se reúnem para as partidas. As pedras e os banquinhos são trazidos pelo seu Fafá, todos os dias, por volta das 12h15. Ele tem 82 anos e dirige o próprio carro. Mora na Asa Norte e, quando chega, os parceiros já estão esperando. Essa rotina já dura uns quatro anos.

“Jogamos na hora do almoço de segunda a sexta-feira”, conta Edinilson Silva, servidor público que trabalha no Setor Comercial Sul. “Os jogadores de dama, em regra, reúnem-se em praças para treinar e se divertir. Essa é uma cultura nacional”, explica o auditor Wellington Monte de Paula. Ele tem títulos de campeão em Alagoas e Pernambuco, mora em Maceió e veio a Brasília a trabalho. Mas aproveitou a hora do almoço para conhecer e jogar com a turma brasiliense.

O lugar despretenso sob a árvore de sombra fresca no Setor Comercial Sul reúne pessoas de diversas profissões, jovens e senhores. Como o estilista de moda masculina, Alberuaz Neves, que trabalha no SCS e também reúne títulos de campeão em torneios de Brasília e Belo Horizonte. “A praça é o bate-bola, mas há locais próprios para os jogos oficiais”, relatam os jogadores.